



MÃOS MARGARIDAS: MULHERES EMPREENDEDORAS DO MUNICÍPIO SANTA INÊS/BA.

Vanessa Menezes de Miranda¹
Dolores Setuval Assaritti²

Eixo temático: Geografia, Gênero, Raça e Sexualidades.

INTRODUÇÃO

A proposta que segue pretende discutir a experiência do Projeto de Extensão Margaridas no município de Santa Inês- Bahia, o desenvolvimento deste dentro do município tem como público mulheres empreendedoras, nasceu da necessidade de desenvolver um trabalho que qualifique e oriente o público feminino que possui como renda a prática do trabalho autônomo artesanal, dentre outros, com a finalidade de reproduzir sua vida material.

Dentro desta experiência e das discursões geradas nos encontros do grupo, surgiu à necessidade de se debruçar sobre a compreensão de como se dá o processo de divisão sexual do trabalho e estratégias econômicas que possam desenvolver nas mulheres o fortalecimento da identidade, a concepção de paridade de gênero, a violação de direitos, a reafirmação da identidade, a autonomia socioeconômica, dentre outros aspectos que cabem na discussão do ser mulher em uma sociedade historicamente patriarcal.

A não valorização do trabalho manual na esfera global, consequência das formas de produção vigentes, é uma realidade que prevalece também no município de Santa Inês, mesmo sendo um município pobre em que o comércio não representa a principal fonte de renda. Conforme Estudo de Potencialidades Econômicas Vale Jiquiriçá do Estado (2017), o município apresenta IDH 0,574, sendo o estoque de empregos formais estão concentrados na Administração Pública, seguido do Comércio e Serviço, que equivale a apenas 2,6% da população.

Conhecendo essa realidade, o Mãos Margaridas, nome escolhido coletivamente no segundo encontro do grupo, atua no sentido de fortalecer o trabalho manual do município, dando visibilidade à condição socioeconômica dessas famílias que possuem a atividade manual como uma alternativa de subsistência. Trata-se de uma rede de mulheres, pequenas empreendedoras, vendedoras, artesãs, costureiras, cozinheiras, mulheres que trabalham nos serviços que se apoiam e se fortalecem umas nas outras e, dessa forma, não precisam mais trabalhar de forma isolada – com exceção das mulheres da Associação de Artesãs do município que já estavam iniciando sua organização antes do projeto.

Pensar sustentabilidade e comércio justo são metas de uma proposta de Economia Solidária que atua em contraposição ao modo hegemônico de produção. A reutilização de materiais, a produção alimentícia livre de agrotóxicos, familiar e orgânica, e a racionalização de recursos são exemplos de como a sustentabilidade ambiental presente nessa forma de economia podem gerar desenvolvimento sustentável de forma saudável.

¹Graduada pelo Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA, nessammenezes@gmail.com;

² Mestra do Curso de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, dolores.assaritti@ifbaiano.edu.br;



A Economia Solidária vem ganhando espaço na academia e nos debates sociais é uma ideia que “ressurge hoje como resgate da luta histórica dos (as) trabalhadores (as), como defesa contra a exploração do trabalho humano e como alternativa ao modo capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza” (CARTA, 2005).

Essa nova forma de comercialização inaugurada nos anos 90 tem crescido nas entrelinhas do comércio convencional, ou seja, a entrada dessa forma de economia no Brasil e o seu crescimento se deu principalmente pelas mãos da população do campo, mãos negras, mãos femininas. Trata-se de uma forma de economia alternativa que tem se mostrado potente a ponto de gerar desenvolvimento econômico, como afirma Edmundo Gallo (2012), a implementação de políticas sustentáveis tem potencial para enfrentar a pobreza, promover a equidade, melhorar a qualidade de vida e a sustentabilidade do planeta.

MÉTODOS

O projeto foi contemplado em edital no mês de novembro de 2018 e em dezembro foram iniciadas as atividades pela equipe de coordenação junto às alunas do Ensino Médio Técnico Integrado (cursos de Alimentos, Zootecnia e Agropecuária) e das licenciaturas em Geografia e Biologia do IF Baiano campus Santa Inês. O ano de 2019 iniciou com o esforço da equipe em estabelecer vínculo com as instâncias públicas do município de Santa Inês – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Secretaria Agricultura Pecuária e Meio Ambiente; e Secretaria de Cultura – na busca por espaço para realização dos encontros e com foco na divulgação do projeto para alcançar as mulheres da comunidade.

Foram realizados dois encontros com as mulheres no primeiro semestre, o primeiro foi realizado no dia 27 de abril e o segundo dia 25 de maio, dia em que decidiu-se pela realização da I Feira de Economia Solidária do município, realizada no dia 15 de junho. O segundo semestre foi iniciado com um encontro no dia 17 de agosto e no dia 26 de outubro, aniversário da cidade, será realizada II Feira de Economia Solidária do município. Todos os quatro encontros foram realizados na Secretaria Agricultura Pecuária e Meio Ambiente do município, aos sábados, com uma duração média de 4 horas cada um.

Nos encontros são realizadas rodas de conversa em que há um esforço de toda equipe e da ambientação do espaço para que cada mulher sintam-se acolhida e a vontade para narrar suas experiências de vida, suas experiências de trabalho no município suas expectativas em relação ao projeto, suas expectativas em relação ao seu próprio trabalho. Dessa forma, intencionalmente sensível, constrói-se pouco a pouco uma rede em que uma se identifica com a história, com as dificuldades e os sucessos da outra. Utilizamos de vídeos, músicas, dinâmicas específicas para trabalhos com grupos de mulheres, como as propostas pelo Caderno Empírica (2009).

Muitas alunas, principalmente dos 1º anos de dos cursos técnicos integrados que tiveram contato com o projeto apenas em 2019 quando se tornaram alunas da instituição, começaram a frequentar as reuniões com a equipe docente e os encontros. Algumas docentes também se integraram à equipe após visualizarem fotos e vídeos dos encontros. Hoje a equipe é composta por 06 docentes, 01 técnica administrativa, 11 alunas do Ensino Médio Técnico Integrado e 05 alunas das Licenciaturas em Geografia e Biologia. Além delas, a equipe conta com uma Assistente Social e com a Coordenadora de Cultura do município.

Nesse momento, o projeto está em vias de ser prorrogado, pois, apesar do sucesso das ações preliminares que foram de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto como um todo, foi um processo que levou tempo e dedicação de toda a equipe. Agora, firmadas as parcerias e constituído o grupo, necessitamos intensificar nossas ações coletivas no sentido de dar sequência aos encontros com as mulheres empreendedoras e promover a



realização das próximas Feiras de Economia Solidária já programada pelo grupo para que, ao final do cronograma de execução, o “Mãos Margaridas” siga os rumos escolhidos pela comunidade de forma independente e possa prosseguir em desenvolvimento pelas mãos das lideranças comunitárias.

MÃOS MARGARIDAS: PROJETO DE EXTENSÃO.

Segundo o INSTITUTO FEDERAL BAIANO (2018) um projeto de extensão nada mais é que o conjunto de atividades educativas, culturais, artísticas, científica e tecnológicas, que tem a participação de professores, pesquisadores, estudantes e servidores técnicos administrativos, tais atividades devem ser desenvolvidas junto às comunidades, através de ações contínuas de longo prazo.

Elaborar um projeto de extensão antes de qualquer coisa é compreender as necessidades da comunidade para então desenvolver atividades que contribuam na transformação da realidade, desta maneira cabe afirma que existe a troca de conhecimento, fator principal no desenvolvimento da pesquisa.

Margaridas é um projeto de extensão desenvolvido em oito municípios do interior baiano, possuindo o público de mulheres, com a intenção de fortalecer a qualificação profissional destas e discutir assuntos pertinentes à autonomia socioeconômica feminina, paridade de gênero, violação de direitos, reafirmação da identidade e fomentar o trabalho coletivo entre mulheres. O projeto vem sendo desenvolvido no município de Santa Inês, no interior da Bahia, devido à necessidade da existência de um grupo para fortalecerem-se enquanto coletivo feminino de empreendedoras através de iniciativas que visibilizasse e valorizasse o que é produzido manualmente.

Uma das propostas elucidadas foi de discutir junto a essas mulheres empreendedoras uma perspectiva de economia solidária, que se opõe ao sistema capitalista, uma maneira de reprodução da vida sem exploração da força de trabalho, sem hierarquia e com um desenvolvimento econômico coletivo.

A economia solidária é uma forma de organização do trabalho e da produção coletiva onde a vida está no centro, e não o lucro. É um jeito de fazer a atividade de produção, onde cada pessoa opina e decide coletivamente o que é melhor para o grupo. É baseada na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão. Ou seja, na economia solidária não existe patrão nem empregados, pois todas as pessoas que participam do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são, ao mesmo tempo, trabalhadoras, e donas. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015, p.6)

Para entender o processo transformador da Economia Solidária na vida das mulheres, é necessário discutir a categoria trabalho e como se deu o processo de desigualdade da mulher no ingresso ao mercado de trabalho, sendo invisibilizada e desvalorizada, pois a divisão do trabalho é sexual, ta divisão é construída socialmente e coloca a mulher em posição de inferioridade.

TRABALHO E GÊNERO.

Discutir a categoria trabalho é fundamental para entender o contexto que as mulheres trabalhadoras do município de Santa Inês – BA estão inseridas, visualizar as dificuldades,



pensar em estratégias de superação e assim fortalecer o protagonismo dessas, entretanto faz-se necessário falar sobre as desigualdades. Cabe evidenciar o trabalho como categoria fundante do ser humano e desta forma é responsável pela capacidade de humanizar-los e desumanizá-los.

Na perspectiva de Frederich Engels em seu texto: O papel do trabalho na transformação do macaco em homem discute sobre o processo evolutivo em que o macaco ao assumir uma postura ereta e utilizar suas mãos para outras atividades, que não mais eram a de caminhar, evidência que nesse momento a mão primitiva deste animal se tornou o primeiro instrumento de trabalho. Este membro do corpo humano foi forjado pelo trabalho ganhando mais destreza e habilidade de geração em geração.

Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados. O trabalho mesmo se diversificava e aperfeiçoava de geração em geração, estendendo-se cada vez a novas atividades. A caça e à pesca veio juntar-se a agricultura, e mais tarde a fiação e a tecelagem, a elaboração de metais, a olaria e a navegação. Ao lado do comércio e dos ofícios apareceram, finalmente, as artes e as ciências; das tribos saíram as nações e os Estados. Apareceram o direito e a política, e com eles o reflexo fantástico das coisas no cérebro do homem: a religião. Frente a todas essas criações, que se manifestavam em primeiro lugar como produtos do cérebro e pareciam dominar as sociedades humanas, as produções mais modestas, fruto do trabalho da mão, ficaram relegadas a segundo plano, tanto mais quanto numa fase muito recuada do desenvolvimento da sociedade (por exemplo, já na família primitiva), a cabeça que planejava o trabalho já era capaz de obrigar mãos alheias a realizar o trabalho projetado por ela. (ENGELS, 1896, p.1)

Assim, através desse primeiro desenvolvimento do corpo primitivo do macaco para um corpo mais habilidoso, trouxe a necessidade que os demais sentidos, membros e órgãos passassem pelo processo de evolução. E este processo evolutivo desencadeou nas relações sociais que se estabeleceram através das relações de trabalho, aqui se percebe o caráter humanizador que o trabalho exerce, entretanto este mesmo trabalho desumaniza, quando os homens através da capacidade de se socializar começam a entender e a desenvolver a capacidade de viver em sociedade, Marx e Engels no Manifesto Comunista, afirma que:

Nas anteriores épocas da história encontramos quase por toda a parte uma articulação completa da sociedade em diversos estados [ou ordens sociais — Stände], uma múltipla gradação das posições sociais. Na Roma antiga temos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média: senhores feudais, vassallos, burgueses de corporação, oficiais, servos, e ainda por cima, quase em cada uma destas classes, de novo gradações particulares. (MARX E ENGELS, 1997, p.29)



Portanto a forma em quem os homens se organizaram trouxe a diferenciação entre classes, desta maneira, com as transformações econômicas e das formas de se produzir mercadorias, atualmente vivemos em um sistema econômico capitalista, que explora a mão de obra da classe trabalhadora, a qual só possui sua força de trabalho para garantir a reprodução da sua vida material e temos os capitalistas, os quais se beneficiam da exploração através da mais-valia e são os detentores dos meios de produção.

Entretanto cabe afirmar que no momento anterior da implantação de maquinários para a produção da mercadoria, ainda não se havia a participação da mulher no mercado de trabalho:

Analisando o século XIX, podemos afirmar que a maquinaria começa a tomar o lugar das manufaturas (...). Esse novo meio de produção possui um novo plano de divisão do trabalho que “baseia-se no emprego de mulheres, de crianças de todas as idades, de trabalhadores sem habilitação, sempre que possível” (MARX, 1996, p. 529). Logo, percebe-se a utilização de mão de obra barata para dar continuidade à produção. E é nesse contexto que as mulheres são “chamadas” a assumirem postos de trabalho em meio a produção e aumento do capital. Assim, é percebido que há um esforço para introduzir grandes massas de trabalhadores – incluindo mulheres e crianças – no trabalho produtor de mercadorias. (OLIVEIRA, GRACILIANO, MAIO, 2012, p.6)

Desta maneira o trabalho manual perde espaço para o trabalho mecânico, com isso os salários dos trabalhadores começam a ser reduzido significativamente, forçando a necessidade das mulheres e crianças venderem sua força de trabalho, para suprir as necessidades básicas da família, este momento da história já evidencia as formas de desigualdade de gênero, antes dessas mulheres adentrassem no mercado de trabalho, elas eram submissas aos conjuguês e responsáveis pelo trabalho doméstico.

Assim, com o advento da revolução Industrial, a mulher é integrada no processo produtivo. Da mesma forma que com os outros trabalhadores, da mulher, o principal objetivo de colocá-la no mercado de trabalho é retirar-lhe a mais-valia. Porém, mesmo adentrando no processo de trabalho, a mulher não se liberta das formas de trabalho doméstico, tornando-se assim “em dupla mercadoria: do marido, na esfera doméstica, e do capitalista, no âmbito da fábrica” (AMMANN apud OLIVEIRA, GRACILIANO, MAIO, 2012, p. 6)

Entretanto o que se observa é que apesar da participação no mercado de trabalho, não houve a valorização da destreza e das habilidades da mão feminina, elas eram vistas como mão de obra barata na produção de riquezas para seus empregadores, para além, elas ainda assim eram responsáveis pelos trabalhos domésticos, e expostas a condição de trabalhos cujo os salários são inferiores ao dos homens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos dos frutos desse projeto são colhidos de forma subjetiva, principalmente nas falas de satisfação das mulheres ao saírem agradecidas das ações realizadas. Porém, ao analisar o material audiovisual construído pela equipe a cada encontro, é visível que o vínculo



estabelecido entre o grupo tem sido promissor para a construção da rede de economia solidária. A realização da feira é, por si só, um resultado importante considerando sua importância, não só para o grupo de mulheres, mas para o todo o município que tem pouco desenvolvida as ideias de sustentabilidade e comércio justo.

Além disso, a realização da feira possibilitou a exposição pública dos produtos e serviços realizados pelas mulheres, ou seja, a feira é uma vitrine que surtiu efeitos positivos no sentido de aumentar a quantidade de encomendas e vendas, fortalecendo a produção do grupo.

Outro ponto muito importante é o fortalecimento dessas mulheres diante das muitas situações de machismo e até mesmo de violências narradas nos encontros. A rede mostra-se efetiva quando busca por alternativas para lidar com essas situações de forma coletiva e individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizar os modos de produção manual, estreitar o processo de comercialização na perspectiva da Economia Solidária, promover o debate sobre a produção coletiva feminina e, sobretudo, sobre a representação da mulher nesse cenário são ações necessárias e urgentes. Nesse sentido dá-se o mérito da atuação desse projeto que, além de pautar toda a temática aqui exposta representa um importante vínculo entre o IF Baiano como instituição pública federal, as instancias públicas municipais e a comunidade, fortalecendo a rede de mulheres empreendedoras, a subsistência dessas famílias, o comércio justo e a sustentabilidade.

Para além dos aspectos supracitados, como já dito o projeto continuará caminhando, então, pretende-se colher ainda muitos frutos até o seu encerramento e, como não se pode negar quando se está envolvido por um projeto que se propõe lidar com pessoas e dados subjetivos, alguns inesperados e imprevistos também podem acontecer até o seu encerramento.

Faz-se necessário salientar que os projetos de extensão não podem ser vistos como muletas, como recursos de apoio, de dependência, e sim devem ser encarados como meios potentes para emancipação da comunidade na busca pela sua autonomia. Nesse sentido, ao encerrar o projeto, o principal fruto a ser colhido pela equipe executora será a continuação do coletivo “Mãos Margaridas” de forma independente nas mãos das mulheres da comunidade.

Palavras-chave: Mulheres. Economia Solidária. Trabalho.

REFERÊNCIAS

DIRETORIA DE ESTUDOS. **Planos de Coordenação de Desenvolvimento.** Vale do Jiquiriça (2017).

EMPÍRICA, CADERNO. **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas.** Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. UNICAMP. Campinas/SP: Instituto de Economia, 2009.

ENGELS, Friederich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem.** 1. Ed – Neue Zeit. 1896. (Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm> acesso em 15 de Outubro de 2019 às 15h59min)



FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Carta de Princípios da Economia Solidária**, 2005. Disponível em: <https://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria/> Acesso em 06/09/2019.

GALLO, Edmundo et al. **Saúde e economia verde: desafios para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 1457-1468, 2012.

INSTITUTO FEDERAL BAIANO, **Sobre a extensão**. Última atualização: 15/08/2018 - 19:17 horas | Data de publicação: 08/08/2018 - 14:17 horas. (Disponível em <http://ifbaiano.edu.br/portal/extensao/sobre-a-extensao/> acesso em 15 de Outubro de 2019 às 22h16min)

MARX, Karl. **A revolução antes da revolução**. 1. Ed – São Paulo: Expressão Popular. 2008.

MARX, Karl. ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. Ed – Lisboa: Avante. 1997. (Disponível em https://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997_manifesto_partido_comunista_editorial_avante.pdf acesso em 15 de Outubro de 2019 às 15h52min)

OLIVEIRA, Márcio. GRACILIANO, Eliana Cláudia. MAIO, Eliane Rose. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: Um recorte da manufatura ao modelo capitalista vigente**. *Anais da Semana de Pedagogia da UEM Volume 1, Número 1*. Maringá: UEM, 2012. (Disponível em <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/T3/T3-002.pdf> acesso em 15 de Outubro de 2019 às 15h43min)

PREFEITURA DE SÃO PAULO, Políticas para Mulheres. **Mulheres transformando a Economia – Cartilha sobre Economia Solidária e Feminista**/ Sempreviva Organização Feminista (SOF). – São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2015. (Disponível em file:///C:/Users/Vanessa/Documents/3geoif/CARTILHA_MULHERES%20TRANSFORMANDO%20A%20ECONOMIA.pdf acesso em 15 de Outubro de 2019 às 19h19min)